

A EXPRESSÃO DA SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR EM CARTAS PESSOAIS NORTE-RIOGRANDENSES DAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

THE EXPRESSION OF SECOND PERSON SINGULAR IN NORTH RIOGRANDENSES PERSONAL LETTERS OF FIRST DECADES OF 20TH CENTURY

Marco Antonio Martins

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Kássia Kamilla de Moura

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

RESUMO

Apresentamos, neste artigo, um retrato do uso dos pronomes pessoais “tu” e “você” em cartas pessoais escritas no estado do Rio Grande do Norte nas primeiras décadas do século XX. Ancorados nos pressupostos da teoria da variação e mudança linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968) e num quadro já amplamente descrito em estudos sobre a implementação do “você” na história do Português Brasileiro, buscamos sistematizar informações sobre esse processo de *variação/mudança na escrita* norte-riograndense, no cenário da escrita brasileira dos séculos XIX e XX. Nossos resultados mostram um uso quase categórico de formas associadas ao inovador “você” nas cartas analisadas e que as formas de “tu” estão aparentemente associadas a determinados contextos sintáticos de resistência à forma inovadora e a um padrão conservador.

Palavras-chave: Português Brasileiro; Pronomes Pessoais; Século XX; “Você”.

ABSTRACT

We present, in this article, the portrayal of subject pronouns “tu” and “você” in personal letters written in the State of Rio Grande do Norte in the first decades of 20th Century. Based on the postulates of Linguistic Variation and Change Theory (Weinreich; Labov; Herzog, 1968) and on a widely described picture about the studies on the implementation of “você” in the history of Brazilian Portuguese, we search for systematizing information

on the variation/change process in the Rio Grande do Norte writing inside the scene of Brazilian writing during the 19th and 20th Centuries. Our results show an almost categorical use of forms associated to innovative “você” in the analyzed letters and that “tu” forms are apparently associated to certain syntactic contexts of resistance to innovative forms and to a conservative pattern.

Keywords: 20th Century; Brazilian Portuguese; Subject Pronouns; “Você”.

INTRODUÇÃO

Apresentamos, neste artigo, a descrição e a análise do uso variável das formas de expressão da segunda pessoa do singular “tu” e “você”, em diferentes contextos sintáticos, em 65 cartas pessoais escritas na primeira década do século XX, por dois irmãos nascidos no estado do Rio Grande do Norte¹. Nosso objetivo é levantar dados que viabilizem o estudo do processo de implementação do pronome “você” no Português Brasileiro, tendo em vista a escrita norte-riograndense. O corpus se constitui de um conjunto de cartas pessoais trocadas, no período de 1916 a 1924, por dois irmãos nascidos no povoado de Montealegre/RN, pertencente a São José do Mipibu/RN. Nossos informantes são Theodósio Paiva, nascido em 1858, e João de Paiva, nascido em 1867. O universo discursivo das cartas, de um modo geral, contempla questões comerciais: João de Paiva residia no povoado de Vera Cruz/RN e ajudava o irmão Theodósio, que morava na capital do estado, Natal, na administração dos bens adquiridos por Theodósio naquela região e na comercialização do algodão e da cana-de-açúcar.

Muitos estudos sobre o processo de implementação do pronome “você” no Português Brasileiro (PB daqui em diante) têm mostrado que determinados contextos sintáticos são favorecedores do uso desse pronome (LOPES e MACHADO, 2005; RUMEU, 2008; LOPES *et all.*, 2009). De acordo com esses autores, pronomes pessoais sujeitos, pronomes complemento preposicionados e formas verbais imperativas têm se mostrado contextos favorecedores da implementação da forma inovadora

¹ As 65 cartas da família Paiva integram o corpus mínimo comum do Projeto de História do Português Brasileiro no Rio Grande do Norte (PHPB-RN) e foram coletadas e transcritas pelo mestrando Renato Kledson Ferreira vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da UFRN.

‘você’; enquanto pronomes possessivos, pronomes complementos não preposicionados e formas verbais não imperativas aparecem como contextos de resistência. Tendo esse quadro em vista, dois são os nossos objetivos neste artigo: o primeiro, mais modesto, é apresentar uma descrição dos usos de “tu” e “você” nesses diferentes contextos sintáticos nas cartas pessoais escritas pelos irmãos Paiva; o segundo objetivo diz respeito a uma questão de pesquisa maior a ser retomada em trabalhos posteriores²: por que motivo a implementação de “você” no paradigma pronominal do PB se dá, nos diferentes estudos já realizados/publicados, seguindo essa mesma hierarquia: *pronomes sujeitos* > *pronomes complemento preposicionados* > *formas verbais imperativas* > *pronomes possessivos* > *pronomes complementos não preposicionados* > *formas verbais não imperativas*? Ou, dito de outro modo, por que o “você” “entra” no sistema do PB seguindo essa mesma hierarquia se considerados os diferentes contextos morfossintáticos?

O artigo está organizado da seguinte maneira: na primeira seção, retomamos alguns estudos sobre a implementação de “você” na diacronia do PB; na segunda seção, apresentamos a descrição dos usos encontrados nas cartas dos irmãos Paiva, buscando explicar a preferência pelo “você” nos diferentes contextos; na terceira e última seção, apresentamos as conclusões a que o estudo ora apresentado nos permitiu chegar.

1. Um retrato da implementação de “você” na história do Português Brasileiro

A variação pronominal na referência de segunda pessoa do singular no PB depende tanto de contextos socioestilísticos – do tipo de relação estabelecida entre os falantes, do gênero textual e do contexto da interação – quanto de fatores estruturais – ou contextos morfossintáticos. No Brasil, estudos mostram que coexistem, de forma geral, as formas de tratamento “o senhor”, “você” e “tu”, que variam entre si pelo imenso território do país³.

² Essa é uma questão central da pesquisa de mestrado em andamento, desenvolvida por Kássia Kamilla de Moura junto ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

³ Não faremos aqui uma retomada da distribuição de uso na atualidade do “tu” e do “você” no Brasil. Para essa retomada, remetemos o leitor aos textos, entre outros, de Menon (1995), Lopes (2007), Coelho e Görski (2011).

Retomaremos, a seguir, resultados de estudos que se voltam à análise dos padrões de uso de “tu” e “você” na diacronia do PB, tendo em vista, em sua maioria, diferentes corpúsculos constituídos de cartas pessoais escritas por brasileiros no curso dos séculos XIX e XX.

Lopes e Machado (2005)⁴, ao analisarem 41 cartas pessoais, escritas no último quartel do século XIX, entre 1872 e 1879, pelo casal carioca Christiano Benedicto Ottoni e Bárbara Balbina de Araújo Maia Ottoni a seus netos Mizaél e Christiano, que residiam em Paris, apresentam um panorama do português – padrão e não-padrão – no Rio de Janeiro no século XIX. Com o objetivo de identificar a produtividade de cada uma das duas estratégias no final do século XIX, a isto aliando a conjectura de Labov (1990) acerca do comportamento inovador das mulheres frente à mudança linguística, as autoras observaram a variação “tu”/“você” e o processo de concordância dessas formas com outras formas pronominais de 2ª pessoa e de 3ª pessoa nas cartas dos Ottoni. Em relação ao comportamento das mulheres, a hipótese era a de que essas usassem mais a forma inovadora “você”.

Um dos importantes quadros retificados pelas autoras responde ao fato de que as repercussões gramaticais causadas pela inserção do pronome “você” no PB atingiu diferentes contextos sintáticos. Por ter origem em uma base nominal que leva o verbo para a terceira pessoa do singular, o emprego de “você” acarretou modificações, como, por exemplo, um rearranjo no sistema pronominal, com a fusão dos paradigmas de P2 e de P3 e com a eliminação do paradigma de P5. No que se refere, especificamente, à mudança categorial de nome para pronome da forma “você”, as autoras assumem o que defende Lopes (1999, 2003) ao estudar a implementação da forma nominal “a gente” no PB: não se perderam todos os traços formais nominais de “você”, assim como não foram assumidos também todos os traços intrínsecos aos pronomes pessoais.

Essa hipótese aventada pelas autoras condiz com dois princípios de gramaticalização discutidos por Hopper (1991, *apud* LOPES e MACHADO, 2005): o princípio da persistência e o da decategorização. O primeiro princípio determina que nos processos de gramaticalização alguns traços do significado original aderem à nova forma gramaticalizada e detalhes da

⁴ Esse trabalho é retomado no volume VI dos Anais do Projeto nacional para a História do Português Brasileiro (PHPB): Lopes; Machado; Pagotto; Duarte; Callou; Oliveira, Joseane; Martelotta (2006).

história lexical do item podem se refletir em tais formas durante estágios intermediários. Segundo as autoras, no caso de “você”, talvez haja mais resquícios formais do que semânticos na forma pronominal. Esse pronome mantém traços do significado original, como, por exemplo, a concordância com verbos na terceira pessoa, do singular e a impessoalidade da terceira pessoa, que fica evidenciada na expansão do emprego do pronome em contextos de referência indeterminada. O segundo princípio refere-se à neutralização das marcas morfológicas e propriedades sintáticas da categoria-origem (no caso do “você” - nome ou sintagma nominal) e adoção de atributos da categoria-destino (forma pronominal).

Em relação aos usos de “tu” e “você” nas cartas dos avós Ottoni, Lopes e Machado (2005) chegam aos seguintes resultados: (1) Há preferência pelo pronome “tu” na maior parte do cópulus analisado pelas autoras, principalmente nas cartas do avô; (2) O missivista Christiano prefere o “tu” combinando com formas de P2 (te/teu/tua) e o “vocês” na função de sujeito; (3) Já a avó Bárbara deixa evidenciar um maior nível de desprendimento em relação aos preceitos gramaticais, ao apresentar maior variação na combinação entre “tu” e “você” com formas de P2 e de P3.

As autoras defendem que a significativa presença do “você” nas cartas de Bárbara não estaria só relacionada a uma assimetria de tratamento de superior para inferior; mas, se trataria de “um uso mais generalizado do que um pronome de poder ou de solidariedade” (2005, p.53), visto que tal forma, cada vez mais, coocorre nos espaços funcionais típicos de “tu”. Em relação às cartas de Christiano, as pesquisadoras supõem que os baixos índices de frequência de “você” possam ser uma estratégia que estivesse emergindo em contextos restritos, discursivamente motivados. O contrário é detectado nas cartas da avó Bárbara, pois não se percebe uma motivação discursiva aparente, mas a generalização de “você” como forma de 2ª pessoa. Ainda nas palavras das autoras, o comportamento diferenciado com relação ao gênero – masculino/feminino – parece referendar mais uma vez a hipótese laboviana sobre o inovadorismo feminino na maioria dos fenômenos de mudança com o uso de formas “não-padrão”.

Uma das importantes conclusões a que Lopes e Machado chegam é a de que é possível encontrar na escrita de brasileiros cultos, já no final do século XIX, o uso de “você” com formas de “tu”, o que configura a presença, já nos textos desse período, de uma “mistura de tratamento”.

A confirmação da hipótese de que as mulheres lideram no processo de mudança na implementação do inovador “você”, na história do PB, dá-se também com o trabalho de Rumeu (2008). Em seu trabalho de doutoramento, a autora analisa 30 cartas íntimas da família Pedreira Ferraz-Magalhães trocadas entre pai e filhos, mãe e filhos, avô e netos, netos e avô e entre irmãos, em que o universo discursivo, na maioria das vezes, versa sobre questões pessoais. Ela divide o *cópus* em três períodos de tempo, com um intervalo de 20-25 anos cada um – de 1877 a 1897; de 1898 a 1923; e de 1924 a 1948 –, e investiga a variação entre as formas de referência à segunda pessoa do discurso “tu” e “você” nas cartas.

Assim como nos trabalhos anteriores de pesquisadores do grupo do Rio de Janeiro do Projeto temático para a história do Português Brasileiro (PHPB), Rumeu retifica que a inserção do “você”, no quadro pronominal do PB, não se deu da mesma forma em todos os contextos morfossintáticos. Para a autora, pronomes sujeitos, pronomes complementos preposicionados e formas verbais imperativas representam contextos implementadores de formas relacionadas a “você”, enquanto pronomes possessivos, pronomes complementos não preposicionados e formas verbais não-imperativas se mostram como contextos de resistência do “tu”. Considera que o fato de “você” ter advindo de uma forma nominal (Vossa Mercê) mas fazer referência à segunda pessoa do discurso impulsionou novos arranjos no sistema pronominal. Novas possibilidades combinatórias de “você” com *te~lbe*, “você” com *teu~sen*, *tua~sua* é, nesse sentido, um sinal de pronominalização dessa forma inovadora no PB. Observa-se nesse pronome um caráter híbrido concernente à especificação semântico-discursiva, haja vista referir-se à segunda pessoa do discurso (traços de propriedade pronominal) ainda que estabeleça concordância com P3 (manutenção do traço original) (cf. LOPES e RUMEU, 2007).

Um outro arranjo no quadro pronominal ocasionado pela inserção do “você” foi a passagem do pronome possessivo *seu*, que era de terceira pessoa, para o paradigma de segunda pessoa. Essa migração levou a forma genitiva “dele” (de + ele) a se constituir como um possessivo de terceira pessoa, a fim de evitar a ambiguidade do possessivo, pois o pronome “seu” pode identificar tanto a segunda quanto a terceira pessoa do discurso, desta forma concorrendo com os pronomes “teu/tua”.

Rumeu verifica, com a análise, que a famigerada “mistura de tratamento”, contestada pelas Gramáticas Tradicionais, já é evidente nas cartas pessoais da família Pedreira Ferraz- Magalhães do final do século XIX e início do XX. As formas de “tu” mostram-se preferencialmente combinadas com as formas de P2, com índices de 90% nos dados. Todavia, tais formas aparecem, mesmo que timidamente, combinadas com as formas de P3, em 20% nos dados nas cartas do período em questão. Ainda referente à mistura de tratamento, a pesquisadora encontra um dado interessante de autocorreção. O missivista Pe. Jerônimo Pedreira, ao escrever para seu irmão Fernando, emprega uma forma verbal imperativa de “tu” precedida de “você”:

- (1) [...] agradecendo tudo que fez por você, (...) Sêja bem grato [...]. (Carta de Jerônimo Pedreira ao irmão Fernando) (RUMEU, 2008, p. 129)

O missivista hesita entre as formas verbais imperativas de “você” – *Seja bem grato* – e de “tu” – *Sê bem grato* – e, embalado nessa hesitação, chega a rasurar a sua carta, optando pela forma de “tu”, o que mostra a mescla de tratamento e a provável integração da forma “você” no sistema pronominal do PB ainda no final do século XIX.

Lopes e Marcotulio (2011) apresentam a descrição e a análise da variação “tu”/“você” em um corpus composto por 18 cartas, escritas a Rui Barbosa, no período de 1866 a 1899. Os pesquisadores buscam identificar as origens da variação entre as formas de referência à segunda pessoa do singular, além de averiguar se houve a criação de um paradigma pronominal supletivo no PB. Com esse objetivo, foram considerados os seguintes contextos: (i) como realização de P2 – “tu” (sujeito), “te” (objeto

direto), “contigo” (complemento), “teu/tua” (pronomes possessivos) e as desinências verbais de segunda pessoa do singular no imperativo ou não; (ii) “você” e variantes rotulados como P3 – “você” (pronome pessoal sujeito), “você”/“lhe”/“o” (objeto), “com você” (complemento), “seu/sua” (pronome possessivo) e as desinências verbais correspondentes imperativas ou não.

Na análise, foram identificados 322 dados, dentre os quais 69 ocorrências (21%) são formas de “você” e 253 ocorrências (79%) são formas de “tu”. Dois grupos de fatores foram controlados: as formas precedentes na carta (sequência discursiva) e o grupo categoria gramatical/função sintática. O emprego de “você” se mostrou mais produtivo, com 87 ocorrências (55%), quando realizado na função de P3 precedido de outra forma de P3. O mesmo foi observado com o pronome “tu”, com 85% das ocorrências.

Ainda em relação às cartas a Rui Barbosa, os autores concluem que os contextos mais frequentes para a realização do “você” são: pronome-sujeito (84%, PR. 0.97), imperativo (69%, PR.92) e pronome complemento preposicionado (16%, PR.60). Corroborando os resultados de estudos anteriores, eles defendem que os resultados encontrados nas cartas a Rui Barbosa parecem indicar vestígios de reestruturação do sistema pronominal do PB. Os resultados dessa análise reforçam que reflexos da variação “tu” e “você” são identificados em cartas escritas por brasileiros no século XIX, mesmo que de forma tímida. Contudo, a forma inovadora “você” ainda mantém traços formais e discursivos que remetem a uma maior formalidade e distanciamento em relação ao “tu” íntimo, que não se perderá completamente no século XX.

Analisando 13 bilhetes amorosos produzidos no Rio de Janeiro no início do século XX – 1908, Lopes, Marcotulio e Rumeu (2011) apresentem um quadro bastante semelhante. Os bilhetes foram escritos por Robertina de Souza (apelidada de Chininha) e estavam anexados a um processo judicial que investigava o assassinato do amante da referida senhora, senhor Álvaro da Silva Mattos. Robertina escrevera ao seu amante e ao seu companheiro Arthur, de modo que a distribuição do uso de “tu” e “você” é bastante reveladora: quando o bilhete era dirigido ao amante, Robertina fazia mais uso do “tu” e quando era dirigido ao seu companheiro, Arthur, as formas

pronominais associadas ao inovador “você” eram mais utilizadas. Tal distribuição mostra uma postura mais intimista e de maior proximidade comunicativa da informante ao escrever para o seu amante, senhor Álvaro, o que reforça o caráter mais íntimo do “tu”, como estudos têm mostrado: quanto maior o grau de informalidade maior as chances de ocorrência do “tu”.

De um modo geral, os autores atestam nos bilhetes amorosos do início do século XX o mesmo quadro descrito em estudos anteriores em relação à implementação do “você” no PB: (1) há expressivas ocorrências de mescla de tratamento; (2) pronomes complementos não-preposicionados (“te”), verbos no imperativo indicativo e formas verbais não-imperativas são contextos de resistência do inovador “você”; (3) “você” está associado a um sistema com sujeito preferencialmente preenchido e a formas pronominais complementos preposicionadas.

Tendo em vista esse retrato do processo de implementação do “você” na história do PB no final do século XIX e início do XX, apresentamos, na próxima seção, um quadro da variação entre as formas de “tu” e de “você” em cartas pessoais escritas no Rio Grande do Norte, nas décadas iniciais do século XX.

2. Notícias de “você” nas cartas norte-riograndenses dos irmãos Paiva da primeira metade do século XX

Conforme já dito, analisamos 65 cartas pessoais trocadas, entre 1916 e 1924, pelos dois irmãos da família Paiva, nascidos no Rio Grande do Norte, no final do século XIX. No total, foram encontradas 203 ocorrências de formas pronominais e verbais associadas a “tu” e “você”, distribuídas nos seguintes contextos morfossintáticos: pronome sujeito, pronomes possessivos, pronomes complementos preposicionados e não preposicionados, formas verbais imperativas e não-imperativas. A tabela 1, a seguir, apresenta essa distribuição e o percentual de uso das formas associadas ao pronome “você” nos diferentes contextos.

TABELA 1: distribuição e frequência das formas de “você” em cartas norte-riograndenses do século XX.

Contexto sintático	Apl/Total
Pronomes sujeitos	7/7 100%
Pronomes Possessivos	85/85 100%
Pronomes complementos não-preposicionados	45/45 100%
Pronomes complementos preposicionados (a/para/ com <i>ocê~ocês</i>)	15/15 100%
Formas verbais imperativas	10/12 83%
Formas verbais não-imperativas	37/39 95%
Total	203

Como se pode observar, os missivistas norte-riograndenses, no início do século XX, fazem uso, quase categórico, das formas associadas ao inovador “você”, motivo pelo qual não faremos referência, nesta análise, ao peso relativo.

Em relação às construções com preenchimento do sujeito pronominal, na amostra analisada, encontramos apenas sete ocorrências com o pronome lexicalizado, sendo todas com a forma inovadora “você”, como ilustram os dados em (2) e (3).

- (2) Monte Alegre, 1º de Abril de 1921 || Theodosio || Estava nos [*inint.*] quando chegou uns | remédios que **você** mandou para Aninha, que logo | estava a fazer uzo delles, mas até ante-hontem | quaze que não apresentava melhora, sempre | deitando sangue pela rotura das veia, mas em pequena quantidade, porque *tambem* ella | não se deita [*inint.*] mesmo para dormir, a [*inint.*] fas | mesmo assustada na cama, porque baixando a | cabeça o sangue vem com excesso. (Carta 40 – de Theodósio para João de Paiva, 1/4/1921).
- (3) Monte Alegre, 11 de agosto de 1922 || Theodosio || Como vai **você** do seu estomago? Ja melhorou delle? (Carta 50 – de Theodósio para João de Paiva, 11/8/1922).

O quadro já descrito sobre a implementação de “você” na escrita brasileira do final do século XIX e início do XX mostra que esse seria um ambiente favorecedor do uso da forma inovadora na gramática do PB (LOPES e MACHADO, 2005; RUMEU, 2008). De acordo com esses estudos, o “você” está associado a uma gramática cujo sujeito pronominal tende a aparecer preenchido, enquanto o “tu” ainda é mais produtivo em contextos com sujeito nulo. De um modo geral, tal quadro se deixa também transparecer nas cartas norte-riograndenses. No entanto, nas cartas dos irmãos Paiva, “você” sujeito associado a formas verbais nulas – imperativas ou não – é ainda assim significativamente produtivo: 10 de 12 ocorrências (83%) de “você” nulo com formas verbais imperativas e 37 de 39 (95%) com formas verbais não imperativas, conforme exemplos (4)-(7).

- (4) [...] Nestes restos de dinheiro desconto o que me | Ø mandou ultimamente do seu e do [inint.] do dinheiro. || (Carta 65 – de João de Paiva para Theodósio, 28/10/1918).
- (5) | [...] Certo do que me Ø dis sobre o mercado de algodão | cujo artigo, parece, vai melhorando em Pernambu- | co, conforme os jornões de lá, de 23 e 24 deste. || (Carta 65 – de João de Paiva para Theodósio, 28/10/1918).
- (6) [...] Espero terminar com o conserto da caldeira | na próxima semana, e entrarei logo um desça- | roçamento pois está entrando <↑algodão> e vai a melhorar, | tanto que precisa vender *mais* vinte carro de | algodão *para* botar na semana seguinte, e por con- | ta della presizo logo 3: [inint.] que a ser possi- | vel Ø mande pelo *companheiro* Alfredo Henrique, se conseguir | com Faselli, dita quantia. || (Carta 33 – de João de Paiva para Theodósio, 15/10/1919).
- (7) [...] Ø veja se Tonho consegui vender na fabrica | 50 fardos de algodão, aumenos a 40 [inint.] e se for | possível me avize amanhã o resultado, *para* | firmar aqui um negocio dependente deste. || (Carta 28 – de Theodósio para João de Paiva, 10/3/1919).

Justamente em contextos com sujeito não-preenchido, com formas verbais imperativas ou não, encontramos quatro ocorrências com o conservador “tu”:

- (8) Natal, 3 de outubro de 1918 || João || Pelo compadre Horacir me foi entregue | a sua carta de ontem datada, a qual respondo. || Temos [*inint.*] para guardar os 60 far|dos de lã que se [*inint.*], portan|to Ø **manda** os referidos fardos para aguar| dar em [*inint.*] aqui que será melhor. || (Carta 23 – de Theodósio para João de Paiva, 3/10/1918).
- (9) Natal, 29 de outubro de 1918 || João [...] Ø **manda**-me sem falta amanhã até | aqui o nosso *compadre* Horacir | para acompanhar a menina Luiza | que não quer continuar, a[*inint.*] [*inint.*] pequeno baú de | bagagem. (Carta 25 – de Theodósio para João de Paiva, 29/10/1918).
- (10) Natal, 24 de setembro de 1918. || João [...] Depois d’amanhã (5ª feira), Tonho pretende remetter-lhe 500 sacos p[o]r | Carço e as esteiras suvidas que | Ø **podes** obter da fabrica. || Recebemos as 2 caixas de fructos que | nos remetteram, em agradecimento. || Continuamos bem e nos recommendamos a si. || (Carta 19 – de Theodósio para João de Paiva, 24/9/1918).
- (11) Monte Alegre, 4 de Outubro de 1918 || Theodosio || Pelo *compadre* Horacio me foi entregue sua | carta de ontem datada, bem como 15:017 [?] 400 réis | de que foi postada, conforme seu aviso na cita- | da carta, como Ø **tinhas** [?]. || (Carta 64 – de João de Paiva para Theodósio, 4/10/1918).

Observe-se que nas cartas norte-riograndenses, aqui analisadas, não parece haver diferença entre o uso de “tu” com formas verbais nulas imperativas e não-imperativas. Proporcionalmente, há mais formas de “tu” com formas verbais nulas imperativas (2 de 12) do que com formas verbais nulas não-imperativas (2 de 39). Como já dito, têm-se mostrado que, no processo de implementação do “você” no PB, as formas não-imperativas

são contextos de resistência do pronome “tu”, enquanto que as imperativas são ambientes favorecedores do inovador “você”. Essa diferença não parece ser, no entanto, significativa nas cartas dos irmãos Paiva. Salientamos, todavia, que não realizamos uma análise com PR. e são poucos os dados para uma análise mais detalhada da influência do modo verbal no uso de uma ou outra variante em contexto de sujeito nulo. É importante referir que no estudo de Lopes, Rumeu e Marcotulio (2011), há bilhetes amorosos do século XX, tal diferença também não se mostrou relevante e tanto as formas verbais imperativas como as formas verbais não-imperativas foram apontadas como contextos favorecedores para a aplicação da regra de uso de “tu”, com PR. de .59 e de .56, respectivamente.

Bastante interessante é o fato de que, já nas duas primeiras décadas do século XX no Rio Grande do Norte, mesmo em contextos de resistência das formas de “tu”, nas cartas dos irmãos Paiva, encontramos apenas formas associadas ao inovador “você”: com pronomes possessivos (“seu/sua”) e com complementos não-preposicionados (“lhe/você”), conforme, respectivamente, dados em (12)/(13) e (14).

- (12) Monte Alegre, 2 de Julho de 1919 || Theodósio || [...] Ainda más mandei os 8 sacos de caroço de | **seu** pedido, aguardando *para* tirar de um algodão, que | por atropello ainda não tive tempo de descarar- | çar. || (Carta 29 – de Theodósio para João de Paiva, 2/7/1919).
- (13) Monte Alegre, 21 de Julho de 1919 || Theodósio || Estou respondendo **sua** carta de hom- | tem datada, de cujos dizeres fico inteirado. || (Carta 30 – de Theodósio para João de Paiva, 21/7/1919).
- (14) Monte Alegre, 6 de Junho de 1917 || Theodósio || Não recebemos *mais* gado de João dos Santos, a | não ser as das partidas de que ja **lhe** forneci | as listas. || (Carta 8 – de Theodósio para João de Paiva, 6/6/1917).

No que se refere aos pronomes complemento preposicionados, encontramos 12 ocorrências da forma “a(s) você(s)”, duas ocorrências de “para você” e uma de “com você, conforme dados da amostra a seguir.

- (15) Monte Alegre, 30 de setembro de 1918 || Theodósio || tive sua carta ontem, pelo compr. | Horacir, e quatro contos de reis e também 500 cigarros, | obrigado. || Não foi fora de propósito o alvitre delle | levando o algodão para ahi, muito teria sido muito enve | niente vendel-o mesmo em [ilegível] a 59:000\$ existindo assim atropelho a mim e **(a) V.** || (Carta 21 – de Theodósio para João de Paiva, 30/9/1918).
- (16) Monte Alegre, 1º de Abril de 1921 || Theodósio || [...] Minhas saudades **a vocês.** || Irmão e amigo João de Paiva. (Carta 40 – de Theodósio para João de Paiva, 1/4/1921).
- (17) Monte Alegre, 1º de Abril de 1921 || Theodósio || [...] Minhas saudades **a vocês.** || Irmão e amigo João de Paiva. (Carta 40 – de Theodósio para João de Paiva, 1/4/1921).
- (18) Monte Alegre, 20 de Junho de 1921 || Theodósio || Desde sábado que tenho estado duen- | te de um forte refluxo, ontem passei o dia | cahido, *mas* ja hoje amanheci melhor felis- | mente, assim suponho não poder ir passar | o São João **com vocêsis**, como desejava, e ao *mesmo* | tempo temendo deixar o armazem só, cheio | de lã como está agora, dexando ai *multos* | fuguentes de São João, irei por isso outro qualquer dia. || (Carta 42 – de Theodósio para João de Paiva, 20/6/1921).
- (19) Monte Alegre, 17-2-923 <↑1:390[?]> || Theodósio || Vai *tambem* 3 caixões de | mangas **para voceis.** || (Carta 52 – de Theodósio para João de Paiva, 17/2/1923).

É importante observar que a grande maioria das formas de você com complemento preposicionado formado por ‘a+ você(s)’ está associada à expressão “saudades a você/vocês”, o que nos leva a aventar a hipótese

de que a recorrência dessa construção na amostra esteja relacionada a uma expressão cristalizada.

Sobre a relação entre a distribuição das formas associadas aos pronomes “tu” e “você” nas cartas e fatores extralinguísticos, é interessante observar o perfil social dos irmãos Paiva, a fim de investigar se há alguma influência deste na escrita dos missivistas. Theodósio Paiva, que morava na capital Natal, detinha uma boa condição financeira e ocupava um cargo importante na esfera política do estado, tendo um elevado *status* social, diferentemente do seu irmão, João, que apenas administrava os negócios e os bens de Theodósio, na cidade de Monte Alegre/RN e redondezas.

Observando separadamente os informantes, percebe-se que Theodósio apresenta um perfil aparentemente mais conservador em relação ao uso de formas associadas ao “tu” e ao “você”: apesar de o número de cartas por ele escritas ser reduzido (seis cartas apenas, no total das 65 analisadas), das quatro ocorrências de formas associadas ao pronome “tu” (em formas verbais nulas), três foram encontradas nas cartas de sua autoria. Das 61 cartas escritas por João de Paiva, encontramos apenas uma ocorrência de “tu”. Diante dessa distribuição, aventamos a hipótese de que Theodósio de Paiva, provavelmente, tinha um maior monitoramento dos padrões de escrita da época, ao escolher as formas de referência ao seu interlocutor.

Os resultados encontrados com a análise das cartas dos irmãos Paiva mostram que os missivistas norte-riograndenses fazem uso, majoritariamente, das formas inovadoras relacionadas a “você”. Isso parece corroborar o que é atestado por Lopes e Machado (2005), uma vez que no PB a forma “você” suplanta o uso de “tu”, a partir do século XX.

CONCLUSÕES

Neste trabalho, nos propomos a dar as primeiras notícias de uma mudança em curso no PB, tendo em vista a escrita norte-riograndense do início do século XX. Dos objetivos elencados na introdução, podemos afirmar que no conjunto de cartas pessoais aqui analisadas, os irmãos Paiva fazem uso, majoritariamente, das formas pronominais e morfossintáticas relacionadas ao inovador “você”. Ressaltamos, todavia, que essa análise

tem um caráter preliminar, e que para o estudo da implementação desse pronome na gramática do PB, refletida na escrita norte-riograndense, mais cartas, incluindo outros informantes, devem ser consideradas. Em relação aos contextos de resistência do pronome “tu”, o uso quase categórico das formas de “você” não nos permite dizer quase nada. Acrescentamos apenas que na amostra em questão, assim como naquela analisada por Lopes, Rumeu e Marcotulio (2011), as formas verbais imperativas e não-imperativas parecem não condicionar o uso de “você”, apresentando-se como contextos de resistência das formas de “tu”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COELHO, I. L.; GORSKI, E. M. A variação no uso dos pronomes *tu* e *voce* em Santa Catarina. In: COUTO, L. R.; LOPES, C. R. dos S. (orgs.). *As formas de tratamento em português e em espanhol variação, mudança e funções conversacionais*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense (UFF), 2011. p. 263-287.

LOPES, C. R. dos S.; RUMEU, M. C de B.; MARCOTULIO, L. L. O tratamento em bilhetes amorosos no início do século XX: do condicionamento estrutural ao sociopragmático. In: COUTO, L. R.; LOPES, C. R. dos S. (Orgs.). *As formas de tratamento em português e em espanhol – variação, mudança e funções conversacionais*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense (UFF), 2011. p. 315-348.

LOPES, C. R. S.; RUMEU, M. C. B. O quadro dos pronomes pessoais do português: as mudanças na especificação dos traços intrínsecos. In: CASTILHO, A.; TORRES MORAIS, M. A.; LOPES, R.; CYRINO, S. (Org.). *Descrição, história e aquisição do Português Brasileiro*. Campinas: Pontes, 2007. p. 419-435.

LOPES, C. R. S.; MACHADO, A. C.; PAGOTTO, E.; DUARTE, E.; CALLOU, D.; OLIVEIRA, J.; ELEUTÉRIO, S.; MARTELOTTA, M. A configuração da norma brasileira no século XIX: análise das cartas pessoais dos avós Ottoni. In: Tânia Lobo, Ilza Ribeiro, Zenaide Carneiro e Norma Almeida (orgs.). *Para a História do Português Brasileiro*. Vol. VI – Novos dados, novas análises, Tomo II. Salvador: EDUFBA, 2006. p. 781-815.

LOPES, C. R. S.; MACHADO, A. C. Tradição e Inovação: indícios do sincretismo entre a segunda e a terceira pessoas nas cartas dos avós Ottoni. In: LOPES, C. R. S. (org). *A Norma Brasileira em Construção*: fatos linguísticos em cartas pessoais do século XIX. Rio de Janeiro: UFRJ, Pós-Graduação em Letras Vernáculas: FAPERJ, 2005.

LOPES, C. R. S. Retratos da mudança no sistema pronominal: o tratamento carioca nas primeiras décadas do século XX. In: CORTINA, A.; NASSER, S. M. G. C. Sujeito e linguagem. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. p. 47-74.

_____. O quadro dos pronomes pessoais. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. (Orgas.). *Ensino de gramática*: descrição e uso. São Paulo: Contexto, 2007. p. 103-114.

MARTELOTTA, M.; CAVALCANTE, S.; DUARTE, E.; PAGOTTO, E.; CALLOU, D.; LOPES, C. Sobre norma e tratamento em cartas a Rui Barbosa. In: AGUILERA, V. *Para a História do Português Brasileiro*. v. VII: Vozes, veredas, voragens, Tomo I. Londrina: EDUEL, 2009. p. 45-92.

MENON, O. O sistema pronominal do Português do Brasil. *Revista Letras*, n. 44. Curitiba, 1995. p. 91-106.

RUMEU, Márcia Cristina de Brito. *A Implementação do 'Você' no Português Brasileiro Oitocentista e Novecentista*: Um Estudo de Painel. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas - Língua Portuguesa) - Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro, 2008.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Y. (Eds.) *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 97-195.

_____. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. [tradução de Marcos Bagno] São Paulo: Parábola, 2006.